
**CIÊNCIA, PESQUISA E INTERDISCIPLINARIDADE -
ANDREA VIEIRA ZANELLA**

**SCIENCE, RESEARCH AND INTERDISCIPLINARITY -
ANDREA VIEIRA ZANELLA**

*Cristina Satiê de Oliveira Pátaro**

*Frank Antonio Mezzomo**

Em seu sexto número, a Revista NUPEM coloca em pauta a temática *"Interdisciplinaridade: conceitos, investigações e experiências"*. A fim de problematizar a questão da interdisciplinaridade, da ciência e da pesquisa no Brasil, abrimos a presente edição com a entrevista realizada com Andrea Vieira Zanella, que, desde 2008, compõe o Comitê Interdisciplinar da CAPES, setor responsável – junto aos demais comitês de áreas – por estabelecer políticas e critérios para a Pós-Graduação no Brasil.

Andrea Zanella é bolsista produtividade do CNPq e professora do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com Mestrado e Doutorado desenvolvidos na área Psicologia da Educação, realizou seus estudos pós-doutorais na Università Degli Studi di Roma La Sapienza, em Roma, na área da Comunicação, em 2009. No período de 2008 a 2011 foi co-editora da *Revista Psicologia & Sociedade*, e atualmente integra a direção nacional da Associação Brasileira de Psicologia (ABRAPSO).

Na entrevista a seguir, são apresentados e problematizados aspectos do fazer da pesquisa e a imperiosa perspectiva interdisciplinar como possibilidade de compreender e abordar o universo de forma integrada e complexa.

REVISTA NUPEM: Sua formação acadêmica desde a graduação até o pós-doutoramento, ao que parece, esteve marcada pelo diálogo com diferentes campos do conhecimento. Como estes elementos se fazem presentes em sua trajetória?

Andrea Zanella: Minha graduação foi em Psicologia, com Mestrado e Doutorado em Psicologia da Educação, sempre trabalhando na perspectiva da psicologia social e voltada inicialmente à educação. Minha formação pós-graduada em psicologia da educação decorreu, em parte, do meu interesse específico no referencial teórico do enfoque histórico-cultural em Psicologia, que na década de 1980, não era trabalhado na área de Psicologia Social da forma como eu tinha interesse em aprofundar meus estudos na instituição onde me titulei. Houve também a influência, para a escolha pelo mestrado e doutorado em Psicologia da Educação, de um trabalho realizado como psicóloga na Secretaria de Educação de Araucária/PR por mais de dois anos. Ao mesmo tempo, embora meu lócus

fosse a escola, atuava na psicologia social por meio da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. E como essa abordagem, a partir do referencial com o qual trabalho, é marcadamente interdisciplinar, toda intervenção acabou sendo interdisciplinar. É um referencial, portanto, que está diretamente em interface com a história, sociologia, antropologia, filosofia, semiótica. É uma psicologia social que na verdade está interconectada com essas outras ciências humanas e sociais, não é uma ciência psicológica pura, mas híbrida. Acredito que o fato de estar sempre intervindo a partir desse enfoque faz com que toda minha atuação e pesquisa tenha tido sempre um caráter interdisciplinar.

REVISTA NUPEM: Tendo partido do campo da educação na interface com a psicologia, de que forma esse diálogo interdisciplinar se apresenta especificamente na trajetória de suas pesquisas realizadas?

Andrea Zanella: Meus primeiros projetos de pesquisa, tanto do mestrado como do doutorado, foram marcados pelo interesse em problemáticas educacionais. No mestrado isso é muito claro. É uma pesquisa teórica, conceitual, publicada posteriormente em forma de livro¹, tratando do conceito de zona de desenvolvimento proximal em Vygotsky, e muito marcado pelas preocupações educacionais. No doutorado, continuei trabalhando os processos de ensinar e aprender, mas saí de um contexto de escolarização e fui pra contextos não formais. Busquei tematizar uma problemática que também não é característica dos contextos escolares, que é uma atividade estético-artística, a renda de bilro, no intuito de investigar o processo de ensinar e aprender a fazer renda de bilro. A partir desse olhar, passo a tematizar o campo da arte e, ao mesmo tempo, não deixo de lado as preocupações com as questões educacionais, mas elas mudam de lugar e mudam de foco, saindo do contexto da escola e passando a focar situações variadas de ensinar e aprender. Uma das experiências de pesquisa desenvolvidas a partir de então consistiu em investigar oficinas estéticas realizadas com professores da rede pública de ensino, enfatizando a formação estética dos professores. Foi um projeto integrado, com pesquisadores de diferentes universidades, em que todo o processo foi acompanhado e registrado. É, então, uma pesquisa-intervenção (ou uma intervenção-pesquisa), porque a intervenção se constituiu como lócus para a investigação, que naquele momento era sobre as possibilidades de modificação do ensinar e aprender dos professores a partir da participação nas oficinas. A partir desse trabalho, passei a investir nessa discussão sobre a formação dos professores, destacando a importância da formação ética e estética - além da formação técnica e política - como condição fundamental para o redimensionamento das práticas pedagógicas. Para uma melhor compreensão da minha trajetória de pesquisa, é importante pontuar que fiz minha graduação na década de 1980 e o mestrado e doutorado nos anos 1990. O contexto dos anos oitenta,

a condição social e política que vivíamos naquele momento refletiam-se de certa forma com intensidade na universidade, na academia. Assim, dá para entender as tensões presentes naquele momento, por exemplo, as oposições entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, pesquisa social de cunho norteamericano e pesquisa social latinoamericana. Aquela foi a década da emergência de uma psicologia social brasileira, consoante com a psicologia social latinoamericana, que tinha uma preocupação com o social, com a transformação da realidade e que partia de demarcadores claros como a questão da cidadania e da emancipação humana. Com isso, pode-se dizer que toda minha produção acadêmica e as pesquisas desenvolvidas foram marcadas por essa perspectiva que era chamada de “qualitativa”. Por que as aspas? Porque entendo que, com a complexificação da própria sociedade, percebe-se que não dá pra compreender o mundo somente com as divisões. A queda do muro de Berlim, o fim da Guerra Fria, isso tudo derrubou muito mais do que uma pretensa oposição de lados opostos, na verdade revelou a complexidade e as imbricações entre as diferentes dimensões do social, que estão presentes, inclusive, em relação ao próprio pesquisar.

REVISTA NUPEM: Comente um pouco mais acerca dessa compreensão quanto à pesquisa “qualitativa”, com as aspas. O que você tem a dizer da separação que comumente é feita na academia entre pesquisa quantitativa e qualitativa?

Andrea Zanella: Gosto muito de falar sobre pesquisa, não apenas porque minha atividade principal é de pesquisadora, de orientadora e formadora de pesquisadores, mas porque defendo que pesquisar é uma atividade ética, estética e política. Na pesquisa, acabo me envolvendo muito com a discussão metodológica. Acredito que toda produção de conhecimento implica ou requer uma reflexão sobre o próprio processo de conhecer, e esse movimento é o que possibilita problematizar e reinventar o próprio pesquisar e a própria ciência. Com relação às aspas, entendo que o pesquisar em si já é uma intervenção, uma atividade que intervém no contexto social, mesmo que seja uma pesquisa teórica e conceitual. Michel Foucault nos ajuda a entender que o discurso não é só afirmação de uma realidade, mas é também produtor de realidades. O discurso institui realidades. É essa compreensão que está presente quando utilizo as aspas. Essa cisão entre quantitativo e qualitativo é claramente falsa, porque a pesquisa pode ter um viés mais quantitativo ou qualitativo dependendo do foco de investigação, ou seja, em determinados momentos a pesquisa pode ser quantitativa, exploratória, descritiva como um primeiro passo, mas o que se produz como resultado numérico precisa ser analisado, compreendido, problematizado. E é interessante observarmos a postura dos pensadores que são nossos interlocutores em relação a isso. Vygotsky, por exemplo, trabalhou com situações completamente diferentes,

desde pesquisas experimentais a crítica literária e também investigações em psicologia da arte. São pesquisas muito diferenciadas e, se for pensar no que se refere ao caminho do próprio pesquisar, dependendo do que era investigado, o caminho metodológico eleito pelo autor era diferente. Isso é importante, pois o caminho é um processo, e se é um processo, é algo que se reinventa, não há um método que seja adequado *a priori*: o método é adequado a partir da pesquisa, do referencial teórico, do objeto investigado.

REVISTA NUPEM: Você poderia mencionar alguma experiência pessoal sobre seu entendimento acerca da complementaridade dos procedimentos quantitativo e qualitativo?

Andrea Zanella: Quando desenvolvi a pesquisa e a oficina com os professores, que citei anteriormente, trabalhamos inicialmente com questionários. Para analisar os dados, fui fazer aula de estatística e descobri que a estatística, na realidade, não tem nada a ver com a aquela que a gente aprende! Como diz Pierre Bourdieu, a estatística é a ciência da probabilidade, e não a ciência da verdade como não raras vezes é vista e referida. A estatística não afirma nada, apenas aponta possibilidades, fica no campo do possível e não da afirmação. Por isso é que retomo a história das atas referida anteriormente, para entendermos melhor a pesquisa quantitativa e qualitativa: todo número é expressão de uma qualidade, e essa qualidade tem que ser afirmada, apontada, discutida. O número em si não diz nada, afinal você precisa falar desse número, precisa contextualizar, estabelecer relações entre vários deles. Isso ocorre também na dicotomia entre pesquisa e extensão. As agências de fomento continuam exigindo que se faça essa separação. A minha pesquisa, por exemplo, é ao mesmo tempo extensão – pois estou fazendo uma intervenção, por meio de oficinas – mas é também pesquisa, pois a todo o momento há um processo de produção, de registro de informações, as quais, como toda pesquisa, acaba exigindo posteriormente um movimento de afastamento para que se faça uma análise mais consistente. Nesse sentido, entendo que a função principal da universidade não é apenas o pesquisar ou intervir, mas produzir conhecimentos a partir de intervenções ou que possibilitem a outros intervir no contexto social. Por isso, entendo que toda pesquisa é ética, porque implica uma visão de mundo, um projeto social, e produz seus efeitos em direções variadas.

REVISTA NUPEM: Ainda em relação aos instrumentais utilizados pelas ciências, como você avalia a utilização dos multimétodos como procedimento de pesquisa?

Andrea Zanella: Método é caminho, multimétodo remete a múltiplos caminhos, ou um caminho feito de várias possibilidades. É a maneira

como venho pesquisando ao utilizar fotografias, entrevistas, filmagens, diários de campo, observação sistemática, entre outros. Trata-se de uma opção metodológica que implica em uma participação efetiva e próxima do pesquisador junto ao objeto analisado. Essa característica da pesquisa complexifica o próprio pesquisar. A realização de uma pesquisa com base em entrevistas estruturadas que gerem resultados quantitativos pode ser aparentemente mais fácil. Contudo, entendo que toda resposta a uma entrevista, posto que fundada na linguagem, não é a expressão do pensamento, senão que a linguagem funda o próprio pensamento. Assim, toda entrevista é um processo de interlocução, é uma dialogia entre o pesquisador e seu outro pesquisado que age e reage de forma ativa no processo da realização da entrevista. Não basta coletar a resposta do entrevistado e analisar unilateralmente, porque se entende que essa resposta foi produzida para alguém em um determinado contexto e a partir de uma determinada situação. Assim, entende-se que na entrevista há uma imbricação mútua entre a pergunta, o método e o referencial teórico epistemológico. Além da entrevista, obviamente, considero importante recorrer a outros materiais e procedimentos metodológicos como a observação participante, o trabalho de campo, a fotografia, recurso este há muito tempo foi utilizada pela antropologia e parte da psicologia.

REVISTA NUPEM: Recentemente você concluiu o pós-doutoramento na Itália que, aliás, foi na área de comunicação. Como foi essa experiência acadêmica?

Andrea Zanella: Fiz meu pós-doutorado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Sapienza, em Roma. Fiquei na Itália por seis meses, sob a supervisão do professor Massimo Canevacci, que é da área da Antropologia. Acredito que a opção em fazer incursões pela área de comunicação foi a escolha mais certa que fiz, afinal minhas pesquisas já vinham estabelecendo diálogos interdisciplinares. A Itália, ainda em 2009, estava discutindo a problemática da explosão das mídias, das redes sociais que no Brasil estão agora em franco desenvolvimento. Isso tudo foi importante, pois tirou meu chão, tirou minha segurança em relação àquilo que já sabia, já conhecia. Era realmente um outro mundo, um outro contexto. Aliás, vale uma observação sobre o sistema de ensino italiano, em que se atribui, mesmo na graduação, liberdade para os estudantes comporem o currículo básico das disciplinas que desejam cursar. Creio que no Brasil somos muito patriarcais ou matriarcais, nós seguramos os estudantes e nossos currículos são completamente inchados. Não quero colocar juízos de valor e dizer o que é melhor ou pior, mas quero mostrar que são muito diferentes. E se na graduação há esta liberdade, na pós-graduação há muito mais. Essas diferenças todas me provocaram uma angústia intensa. Por essa razão optei em fazer disciplinas no campo da arte com os alunos da graduação. Foi ótimo! Algo que me chamou muita atenção: nas aulas, nos

seminários dos quais participei, pude acompanhar as pessoas discutindo questões contemporâneas, tendo como ponto de pauta a discussão da arte e das tecnologias de informação e comunicação. Isso tudo me chamou atenção a uma nova questão para a qual eu até então não tinha atentado, e que fazia interlocução justamente com aquilo que eu queria investigar, relacionado aos modos de subjetivação e aos processos de singularização.

REVISTA NUPEM: Quais interesses de pesquisa você buscou investigar durante sua permanência na Itália?

Andrea Zanella: A pesquisa desenvolvida tem mais a ver com minhas necessidades e inquietações teóricas. Tem projetos que envolvem ações em campo, pesquisas-intervenções, mas há momentos que as reflexões advindas das ações necessitam de aprofundamentos e discussões mais teóricas, conceituais. É difícil para mim fazer uma pesquisa que não seja uma pesquisa-intervenção, que implica um movimento de viver o processo e analisar esse próprio processo, analisando inclusive meu próprio investigar. Mas tenho necessidade também desse outro momento, que é de me recolher para estudar, para poder pensar as ferramentas teóricas, conceituais e metodológicas. No pós-doutorado, o objetivo foi compreender os referenciais de Vygotsky e de Mikhail Bakhtin – que servem de fundamento para as questões relacionadas à arte, à estética, aos processos de criação e apreciação da obra de arte - a partir das interlocuções que podem ser estabelecidas entre esses referenciais e os de autores como Gilles Deleuze e Foucault, reconhecidos e amplamente discutidos na atualidade. No Brasil, fico um pouco incomodada com a forma como as ideias desses pensadores, às vezes, viram modismo, viram escola. Eles jamais apregoaram isso, nenhum deles fundou uma escola, ou quis ter os seus discípulos, ou ainda fundaram um método, o que justamente os torna, na minha avaliação, tão atuais e importantes para compreender a realidade contemporânea. Enfim, estas experiências todas tiveram impacto nas minhas pesquisas e não foi à toa que, logo na sequência do pós-doutorado, iniciei o projeto que estou desenvolvendo e que estabelece diálogos entre as pesquisas anteriores com a questão da arte, sobretudo da arte urbana.

REVISTA NUPEM: Está se referindo ao projeto “Corpo, Arte, Cidade: processos de objetivação estética e subjetivação nas tramas da comunicação urbana”? Quais são as problemáticas envolvidas e como tem desenvolvido a pesquisa?

Andrea Zanella: Sim. A pesquisa tem sido desenvolvida com a participação de outros pesquisadores, além de orientandos de mestrado e doutorado.

O tema das pesquisas é justamente pensar a dimensão das relações com as cidades, o processo de subjetivação, de que modo o sujeito se relaciona e atua na urbe. Para essa problematização dos modos de subjetivação e dos processos de singularização, venho trabalhando, tanto teoricamente como através de pesquisas-intervenções, com a arte urbana enquanto mediadora. Nessa pesquisa, inspirada nas experiências das oficinas realizadas com os professores, temos trabalhado com jovens de diferentes condições, contextos e situações, realizando oficinas estéticas visando problematizar as relações desses jovens com a cidade. Nos encontros, trabalhamos atividades variadas, tais como dramatização, expressão gráfica, fotografia, leitura de intervenções estéticas na cidade, como o grafite, o lambe-lambe e o stêncil. Trata-se de uma pesquisa-intervenção porque, na medida em que se está propondo encontros e oficinas, você não está apenas investigando o olhar desses sujeitos sobre a cidade, mas está também intervindo nesse olhar.

REVISTA NUPEM: Nessa pesquisa em desenvolvimento são problematizadas as relações entre a cidade e a arte. Podemos dizer que aí se evidencia a ação da pesquisadora, que é impelida por curiosidades intelectivas, assim como pelo condicionamento espaço-temporal na qual você, enquanto sujeito que pesquisa, é tangido?

Andrea Zanella: Com certeza. Acredito que tem uma questão relacionada a alguma coisa que me perturba. Há uns dois ou três anos, eu me dei conta de que Florianópolis é a cidade na qual eu morei mais tempo na vida, mas eu não me sinto de lá. Quando me perguntam: de onde você é? Eu não sei dizer, sei dizer onde moro, onde morei. Eu me sentia muito incomodada com isso, mas hoje percebo que essa é uma característica também dos jovens contemporâneos, principalmente nos centros urbanos. São jovens do mundo, que estão no mundo, trabalham virtualmente, com as tecnologias de internet, e não faz diferença o local onde vão morar, porque o trabalho não os fixa a um lugar. Mas voltando à questão da cidade, isso com certeza influencia, porque a relação com o espaço é constitutiva da tua história, o espaço é constitutivo do sujeito. Como afirma Bakhtin, o espaço é onde se condensam os tempos, há camadas de tempos que se inscrevem nos espaços, e os tempos passados alicerçam o sujeito na condição presente e também constituem memórias de futuro. Acredito, dessa forma, que esse meu interesse pela cidade vem muito da minha relação com a questão dos lugares onde morei. A experiência de viver em Roma, por exemplo, no centro histórico, provocou um desconcerto, afinal é uma geografia completamente diferente, não apenas nas formas arquitetônicas, mas na urbanização, nos becos medievais, nas ruas com poucas sinalizações. Eu pensava que tinha uma excelente orientação espacial, mas era apenas para o contexto da cidade moderna. Minha infância foi no interior do Paraná, em cidades nascidas nas décadas de 1940 e 1950, todas planejadas, quadriculadas,

de modo que é difícil não se orientar espacialmente numa cidade assim. O centro histórico de Roma é outra proposta. É preciso construir uma outra forma de relação com o espaço, pois ele obriga, psicologicamente falando, a organizar outros processos que permitam estar nesses lugares e contextos. Isso foi algo que me mobilizou para essa nova pesquisa, que tem a ver com essa questão da cidade. E a cidade é um lugar que provoca um encontro com o desconhecido, porque você não escapa do encontro com a diferença, e isso pode possibilitar a nossa constituição como pessoas acolhedoras da diversidade. Com base na perspectiva de Vygotsky e de Bakhtin, o outro é constitutivo do próprio eu, é condição do próprio eu. O encontro com a diferença, então, só me enriquece enquanto pessoa, é condição para esse enriquecimento.

REVISTA NUPEM: Na sua avaliação, a ciência produzida no Brasil está em sintonia com as temáticas e com a compreensão teórico-metodológica que você pode observar a partir de sua experiência na Itália? Há interlocutores que estão pautando as questões que você vem discutindo atualmente?

Andrea Zanella: Sim, é possível encontrarmos interlocutores. No campo da arte, por exemplo, temos discussões muito boas com pessoas tanto das artes como também da psicologia. No que se refere às discussões sobre a cidade, nós também temos muitos pesquisadores. Na geografia, por exemplo, tenho descoberto pesquisadores que estão trabalhando com a geografia como lugar, com a condição humana, a dimensão da subjetivação e também do próprio espaço. Em relação à temática das tecnologias da informação e comunicação, há também alguns pesquisadores. O Brasil é muito aberto a diferentes discussões, e temos uma produção científica de qualidade em diversos campos. No entanto, uma diferença que vejo em relação à produção da Itália, por exemplo, é que por aqui nossa produção é ainda muito disciplinar, reflexo de uma ciência disciplinar fechada. As universidades ainda se organizam pela lógica dos departamentos, que é uma lógica disciplinar, e temos ainda poucos cursos de graduação interdisciplinares. Assim, penso que nesse campo teríamos que avançar bastante. No entanto, acho importante fazer uma ressalva: não são todos os campos de discussão que possuem, ainda que na Itália, uma abertura interdisciplinar. Lá a psicologia, que é meu terreno, por exemplo, é ainda muito disciplinar.

REVISTA NUPEM: A produção de conhecimentos e a legitimidade do Brasil é, também, sintomáticas dos avanços sociais e crescimento econômico conquistados nos últimos anos? A Pós-Graduação brasileira tem desempenhado um papel de vanguarda na produção da ciência e tecnologia?

Andrea Zanella: Acredito que não dá para pensar em relações diretas, mas não dá para desconsiderar que isso acontece nesse momento,

concomitantemente. Até pouco tempo, um brasileiro na Europa não era reconhecido. Hoje em dia, as pessoas veem de um modo diferente. Os pesquisadores europeus começam a perceber que no Brasil também há discussões contemporâneas, atualizadas, com pesquisas e produção de qualidade. Acredito que são vários os fatores que contribuem para isso. O momento econômico é um deles. Mas há também toda essa pressão de produção acadêmica pelas agências de fomento e pelos órgãos avaliadores. Por um lado, isso nos perturbou e incomodou muito, criou uma série de efeitos tais como uma produção não necessariamente qualificada. Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer também que houve um aumento da produção acadêmica e o Brasil começa a ter visibilidade no campo da produção de conhecimento. Se esse reconhecimento vem por conta desse aumento da produção acadêmica, não sei, pois não podemos afirmar se há ou não esse efeito direto, no entanto, creio que há possíveis relações aí a serem investigadas. Nesse ponto, é também importante salientar o crescimento da Pós-Graduação no Brasil. Ao mesmo tempo em que há as tensões com as agências de fomento, principalmente com a CAPES, para a entrada no sistema, para se atender às exigências das avaliações, há também um desenvolvimento crescente e espantoso da Pós-Graduação nos últimos anos. Pode ser que ainda demore um pouco para o Brasil sentir os efeitos desse crescimento, mas acredito realmente que a Ciência brasileira, com o desenvolvimento da Pós-Graduação, tem dado – e isso pode ser ampliado ainda mais – uma contribuição importante para o país no sentido de melhoria da condição de vida, em vários campos, em todos os cenários. Assim, está sendo muito significativo o salto da Pós-Graduação, da pesquisa brasileira e da projeção do Brasil no cenário internacional. Nosso sistema de avaliação da graduação e da pós-graduação é algo a se destacar e que não encontra correlatos. Isso porque, com todos os seus problemas, é um sistema que tende a ser sério, pois visa estabelecer critérios para o uso do dinheiro público. Em relação às falhas e possíveis vieses, temos que lutar para corrigi-los, lembrando que são os nossos próprios pares que estão regendo e administrando o sistema. Há um campo de tensões aí e é preciso problematizá-lo para que modificações ocorram visando à constituição de ciências plurais comprometidas com as transformações que o país necessita.

REVISTA NUPEM: A maioria da ciência brasileira também passa pelo seu amadurecimento na produção de conhecimentos resultantes de diálogos interdisciplinares, tanto no campo da graduação e pós-graduação? É possível dizer que a contemporaneidade, talvez mais do que nunca, requer uma compreensão integrada?

Andrea Zanella: Essa é uma questão que acho fundamental. Se olharmos para a história das ciências, veremos que a disciplinaridade se constituiu num

momento histórico por uma necessidade, como uma condição para o seu próprio desenvolvimento. A realidade, porém, é multidimensional, pluridimensional, complexa. Não quero dizer que não sejam necessários conhecimentos disciplinares, mas as ciências disciplinares têm que avançar para o diálogo, pois mesmo os conhecimentos disciplinares requerem um olhar para as outras dimensões que estão ali, que fazem parte, que são constitutivas do real. Penso que nesse ponto temos que caminhar muito ainda. Uma das razões da grande oferta de novos Programas *Stricto Sensu* na Área Interdisciplinar da CAPES é porque muitos programas não são acolhidos nos próprios locais, nas próprias áreas disciplinares. Em pleno século XXI não dá para ser disciplinar sem reconhecer que aquilo que é o foco da disciplina é uma dimensão de uma realidade que é muito mais complexa. Vamos utilizar um exemplo: basta tomar por base a realidade e as demandas dos jovens: eles assobiam, tocam instrumentos, atendem ao telefone, estão no computador, tudo ao mesmo tempo. É outra dinâmica, é outro modo de relação, é outro psiquismo. Se formos ver a questão da hipermídia, em que não se tem mais a lógica da linearidade da escrita, veremos que são várias linguagens como entradas, contextos e lugares. Você tem a imagem com a palavra, com o texto, com o som, é tudo ao mesmo tempo. Se pensarmos no campo dos artistas, o que é um artista contemporâneo? É um artista híbrido, que não é exclusivamente um artista visual e nem mesmo um artista cênico. Geralmente hoje o que se vê dos artistas são as performances, um híbrido de escultura, produção visual, sonora. Temos muito a aprender com a arte nesse sentido, pois ela nos mostra uma questão característica do contemporâneo, relacionada, por exemplo, à complexidade e ao hibridismo. E, para compreender essa realidade, a perspectiva interdisciplinar, transdisciplinar é imperativa.

REVISTA NUPEM: Outro elemento que se faz presente em sua pesquisa – e que, nas últimas décadas, vem ganhando espaço na academia – relaciona-se à temática da juventude. Por que tematizar essa categoria?

Andrea Zanella: Eu trabalho com a compreensão de jovens e não com juventude, tendo em vista que esta categoria pode não dar conta da pluralidade e da diversidade das vivências juvenis. Nas pesquisas, tenho trabalhado com jovens de treze a dezenove anos que estudam em escolas públicas. Embora tenha essa delimitação, de escolarização e de idade, entendo que eles são completamente diversos nas suas escolhas e participações sociais. Desde a década de 1990, a temática da juventude tem recebido atenção especial tanto da academia como das políticas públicas do estado. O Estatuto da Criança e do Adolescente é um exemplo disso. Os investimentos destinados à juventude, por sua vez, não estavam isentos de paradoxos, assim como a teorização sobre o tema. Por exemplo, a noção da juventude, na esteira das teorias oriundas da psicologia, foi e ainda é compreendida como fase de transição entre a infância e idade adulta, da geração transviada, dos jovens irresponsáveis

e inconsequentes que não sabem exatamente o que querem. Perde-se a dimensão da diversidade, porque essa compreensão pode ser aplicada para determinados jovens de determinados segmentos sociais que vivem em determinados contextos e com condições específicas. Há muitos jovens que com quinze anos estão trabalhando e com dezesseis a dezessete anos já constituíram família. Por isso, a juventude é uma categorização complicada, de modo que prefiro trabalhar com a noção de jovens. Mas por que investigar os jovens? Acredito que temos muito a aprender com eles, sobretudo no sentido de entender como se organizam e como lidam com tanta facilidade com algumas coisas e, ao mesmo tempo, como apresentam outras dificuldades. Dificuldades, por exemplo, na escola: afinal, são crianças e jovens do século XXI para uma escola que é do início do século XX e, nesse sentido, a instituição escolar está em descompasso. Precisamos compreender que jovens são esses, que crianças são essas, que são muito diferentes da nossa geração. É outro psiquismo, são processos psicológicos organizados e fundados sobre outra lógica. Precisamos olhar para eles a fim de entendê-los.

REVISTA NUPEM: A respeito das políticas públicas, que você menciona, em que medida a abordagem das ciências humanas pode contribuir para que se pensem políticas públicas adequadas às demandas juvenis?

Andrea Zanella: Os jovens acabam sendo alvo de políticas públicas porque isso tem a ver com as condições sociais em que vivem e com toda uma organização social, econômica e política do mundo contemporâneo como, por exemplo, a proibição do trabalho juvenil, a exigência de carteira de menor aprendiz a partir dos quinze anos, as exigências do Estatuto da Juventude. Isto é, os jovens passam a requer investimentos de políticas públicas. A grande questão é pensar como e em que medida surge a preocupação com os jovens. Estou pensando que as leis e as políticas se constituem, foucaultianamente falando, como dispositivos que fazem ver e fazem falar e ao mesmo tempo produzir visibilidades e invisibilidades. O que é preciso dizer é que toda política pública tende a uma homogeneização, à redução da própria diferença, da diversidade. Quando você fala em adequar as políticas à demanda juvenil, é necessário compreender que as demandas estão sempre em processo, e geralmente as políticas públicas não dão conta, você tem uma tensão eterna entre poder e resistência. Elas podem ser mais abertas, mais acolhedoras a essas demandas, mas as tensões vão estar sempre acontecendo. Daí a dificuldade de se pensar uma política pública atenta a essas possibilidades, essas demandas, essas diferenças, que não apenas as acolha, mas também sejam propostas sem homogeneizar, sem desconsiderar a própria complexidade das condições sociais e históricas dos jovens em contextos e situações diversificadas. Toda política pública

é uma política única para a pluralidade, voltada a interesses que não são necessariamente os dos jovens, e você vai ter sempre uma tensão.

REVISTA NUPEM: Quais elementos você poderia mencionar que exemplificam as diferentes formas de organização e compreensão dos jovens, especificamente relacionada a essa complexidade à qual você se refere?

Andrea Zanella: Um primeiro exemplo que podemos citar tem a ver com a relação dos jovens com a política, com os modos de participação política. Contrariando algumas produções acadêmicas que tematizam, por exemplo, a apatia política dos jovens, o que nossas pesquisas têm mostrado – e o que tenho visto – é que a política que eles fazem é uma política outra! Há uma descrença nas instituições. Eles estão fazendo política na rua, nos encontros informais, nas intervenções estéticas. Eles se organizam eventualmente, de maneira efêmera e em locais alternativos. Temos um exemplo claro em Florianópolis com a história do Movimento Passe Livre². O movimento teve seu auge em 2006, com a Revolta da Catraca. Florianópolis tem um sistema de transporte urbano caro e de péssima qualidade, em parte por sua condição geográfica e em parte pela qualidade de seus serviços. A revolta ocorrida em 2006 foi interessante, sobretudo para quem estuda os movimentos sociais, porque o movimento não contou com uma organização planejada e estruturada, com líderes definidos tal como as teorias clássicas propõem. Foi um movimento que eclodiu marcado pela informalidade. Foi algo que pegou o poder público e a segurança pública desprevenidos. Por que estou trazendo esse exemplo? Porque o que mais interessa enquanto pesquisa ou enquanto intervenção é a nova forma de fazer política que, embora nem sempre seja avaliada como ações de caráter político, podem ter efeitos políticos. Esse exemplo vale igualmente para o campo da arte, do grafite. O grafite é uma forma de intervenção estética e política na cidade porque intervém nas possibilidades de dizer e de ver dentro da própria urbe. Entendo que se trata de uma participação política não na dimensão de política clássica, partidária e necessariamente reivindicatória, e sim como uma forma de tensionar o tradicional e promover outras visibilidades e divisibilidades no espaço urbano. Assim, o que me interessa como pesquisa são essas intervenções juvenis, como as dos hackers, por exemplo, que são os piratas contemporâneos, ou os piratas cibercibernetas, que estão quebrando modelos e paradigmas tradicionais. Mas o que é que diz isso? Acho que não é simplesmente uma questão do que é certo e o que é errado. O que estas intervenções dos jovens contemporâneos estão dizendo? O que dão a ver? Que mal estar produzem? Quais inquietações eles provocam com essas intervenções? Nesse sentido me interessa não a juventude, mas os jovens. Jovens nas suas ações, nas suas intervenções na cidade, nas suas manifestações

contemporâneas, algumas mais visíveis do que outras, mas que de certa forma estão inscrevendo esses próprios jovens nessa dinâmica do social. Que efeitos isso produz? Essa questão me interessa pensar, investigar.

REVISTA NUPEM: Com base nesses elementos destacados, você entende que as vivências dos jovens apontam para um movimento contrário às instituições?

Andrea Zanella: Entendo que sempre houve um movimento anti instituições, principalmente quando se trata dos jovens. Se olharmos para os jovens não como os adultos que eles vão ser, mas naquilo que eles fazem e naquilo que dizem com as suas ações, acho que teríamos muito mais a aprender do que a ensinar para eles. A criança, por exemplo, questiona a instituição do banho na hora certa, da utilização da escova de dentes... São resistências extremamente importantes feitas no cotidiano. Foucault nos diz que onde tem poder há resistência. Toda instituição é uma afirmação de possibilidades e ao mesmo tempo uma forma de negação da diversidade e de outros, então vai ter sempre resistências. Essas resistências são ruins? Não, só é ruim para quem quer preservar o que é do jeito que é, acreditando que tudo tem que ser sempre da mesma maneira, sem observar a própria condição de movimento que é característico do real. Tudo está em movimento, às vezes com maior ou menor intensidade e visibilidade. Contudo, importante destacar que não são apenas os jovens que questionam, embora talvez eles o façam com maior intensidade.

Notas

* Professores da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão (Unespar). Nos trabalhos de transcrição da entrevista contou-se com o apoio do estudante do curso de História, Lucas Onofre, vinculado ao projeto de pesquisa "Religião e política: análises das eleições proporcionais de 2012 em Campo Mourão". Os resultados apresentados a seguir configuram parte das discussões realizadas por ocasião da entrevista ocorrida na tarde de 8 de maio, nas dependências da Unespar/ Campo Mourão.

¹ Trata-se do livro: ZANELLA, Andrea Vieira. **Vygotski**: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Itajaí: Editora UNIVALI, 2007.

² Para outras informações sobre o "Movimento Passe Livre em Florianópolis", consultar: GOMES, Marcela de Andrade, MAHEIRIE, Kátia. Passe Livre Já: participação política e constituição do sujeito. **Revista Psicologia Política**, v. 11, n. 22, p. 359-375, jul./dez. 2011; e SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Juventude, contestação e a política de pernas para o ar: o Movimento Passe Livre em Florianópolis. **XXIV Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia**. Porto Alegre, julho de 2005.

Recebido em: maio de 2012.

Aprovado em: junho de 2012.